



REDE DE OBSERVATÓRIOS DA DÍVIDA SOCIAL DA AMÉRICA LATINA – REDODSAL

Análise dos indicadores relativos ao Brasil

André Salata

Os indicadores selecionados pela RedODSAL, referentes ao Brasil entre os anos de 2000 e 2014, retratam um país consideravelmente desenvolvido, com volume substantivo de recursos, mas que, assim como seus vizinhos Latino-Americanos, ainda enfrenta uma série de dilemas no campo social. Nesse sentido, temos indicadores que resumem muito bem a realidade e situação atual da sociedade brasileira.

Em termos demográficos, as informações traduzem o momento de transição pelo qual o país passa, conjugando aumento populacional, redução da taxa de natalidade (e também de fecundidade) e aumento da esperança de vida ao nascer. Por exemplo, se no ano 2000 a taxa bruta de natalidade (a cada 1.000 habitantes) era de 20,9, e a esperança de vida ficava em 70 anos, em 2013 esses indicadores ficavam em 14,9 e 74,1, respectivamente. No mesmo período, a população brasileira passava de 174 milhões de pessoas para 205 milhões de pessoas. Trata-se, portanto, de uma população que cresce e envelhece.

O Produto Interno Bruto do Brasil apresentou tendência de crescimento no período, saltando de 1.543,6 (milhares de milhões de dólares, a preços constantes), em 2000, para 2.403,4 (milhares de milhões de dólares, a preços constantes) em 2014. Durante quase todo o período este crescimento do volume de recursos superou o crescimento populacional, fazendo com que também o PIB per capita apresentasse tendência positiva, saindo de 8.821 (em dólares



constates), em 2000, para 11.757 (em dólares constantes) em 2013. Tais valores expressam a realidade de uma sociedade com volume razoável de recursos, em um período que, no geral, foi economicamente positivo.

Apesar de contar com um volume de recursos que poderia permitir à toda população um padrão de vida admissível, os níveis de pobreza e indigência ainda são altos (dado o volume de recursos do país). No ano 2000, 37% da população brasileira poderia ser considerada pobre, sendo que 13,2% estariam abaixo da linha de indigência. Felizmente, no entanto, esses percentuais caíram para 16,5% e 4,6%, respectivamente, até 2014. Ou seja, apesar de ainda contar com substantiva proporção de pobres em sua população, a tendência dos últimos anos foi de redução da pobreza e indigência. Dois fatores foram responsáveis por essa redução: crescimento econômico, que nos indicadores se expressam através do aumento do PIB (acima comentado), e distribuição de renda.

Uma das características mais conhecidas da sociedade brasileira é seu elevado nível de desigualdades, sendo um dos países mais díspares do planeta. Esta é, inclusive, a principal causa dos elevados patamares de pobreza e indigência no Brasil, já que os recursos estão altamente concentrados nos estratos mais altos de sua população. Nos últimos anos, entretanto, observamos uma redução das desigualdades, que nos indicadores selecionados pela RedODSAL expressa principalmente a partir do coeficiente de Gini, que caiu de 0,63 em 2000, para 0,54 em 2014. Trata-se de uma redução bastante considerável das desigualdades, em um período relativamente curto, e que sem dúvida ajuda a explicar a já constatada redução dos níveis de pobreza e indigência.

Mas não foi somente em termos de rendimentos que a situação da população brasileira melhorou nos últimos anos, apesar dos enormes desafios ainda a serem enfrentados. Também em termos de educação verificamos tendências positivas. Por exemplo, a taxa de analfabetismo (entre pessoas de 15 anos ou mais) reduziu de 12,4%, em 2000, para 8,3% em 2014. Parte desta redução pode ser explicada pelos crescentes gastos públicos sociais, que especificamente na área educacional subiram de 431 (dólares constantes, por habitante), em 2000, para 668 em 2012 (dólares constantes, por habitante). Da mesma forma, em relação ao atendimento de ser-



viços e infraestrutura verificamos tendências positivas. Por exemplo, se em 2000 15,2% da população não tinha acesso a água encanada, e 46,9% não tinha acesso a saneamento básico, em 2014 esses percentuais caíram para 9,2% e 37,4%.

O mercado de trabalho brasileiro, por sua vez, continua caracterizado por um amplo setor informal, e de renda média baixa. Entre 2000 e 2014, entretanto, a mão de obra informal caiu de 45,6% para 47,9%, e a renda média da população ocupada subiu de 4,6 (em múltiplos da linha de pobreza), em 2002, para 6,1 (em múltiplos da linha de pobreza) em 2013. De fato, especialmente entre 2004 e 2012, a dinâmica do mercado de trabalho brasileiro foi virtuosa, caracterizada pela redução do desemprego, aumento da renda e da formalização da mão de obra. Os indicadores selecionados pela RedODSAL expressam muito bem estas tendências.

Os dados, destarte, ilustram uma sociedade que, apesar de ainda enfrentar enormes desafios no campo social, nos últimos anos apresentou muitos avanços.